Mulheres na cena do rock gaúcho: Perspectivas sobre aprender e praticar música

Comunicação

GTE 18 – Sociologia da Educação Musical

Sandra Gali Berticelli
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Sandra.berticelli49@gmail.com

Resumo: O presente trabalho buscou ouvir perspectivas das mulheres atuantes na cena do rock no estado do Rio Grande do Sul, a fim de entender como as colaboradoras da pesquisa aprendem e praticam música estando inseridas na vivência cotidiana de um gênero musical historicamente sexista e misógino. Partindo de dois estudos de caso, o trabalho desenvolveu-se através da observação participante e de conversas com as artistas, assim como por meio da análise de artigos, mídias sociais e notícias atinentes ao tema. Interpretou-se como as mulheres rockeiras, atuantes na cena gaúcha desse gênero, têm se construído musicalmente e resistido ao conservadorismo do patriarcado. O resultado da pesquisa revelou experiências formativas variadas, como o autodidatismo na aprendizagem musical instrumental e teórica e o palco como um lugar de constante aperfeiçoamento profissional. Também relativamente ao palco, as interlocutoras destacaram a importância da construção de uma personagem nesse lugar, através da produção visual e de uma performance vocal, instrumental e corporal particular, ao mesmo tempo que ligada a técnicas amplamente veiculadas na realização do repertório do rock. Ainda, foi ressaltado pelas mulheres roqueiras o seu envolvimento em projetos musicais criados junto com familiares, amigos e colegas e a diversidade das ações por elas empreendidas, para além do palco como cantoras e/ou instrumentistas. Elas atuam como produtoras, professoras e comunicadoras na construção da cena do rock gaúcho.

Palavras-chave: Mulheres no rock, Cena do rock gaúcho, Aprendizagem e prática musical

E o rock gaúcho? Onde ele começa?

Antes de falarmos sobre o rock gaúcho, precisamos conceituar o que é cena musical:

> Quando falamos em cenas musicais, vale lembrar que foi Will Straw, a partir de 1991, um de seus principais disseminadores. Ao longo dos anos, o autor foi sistematizando a noção de cena musical como enquadramento diferencial para entender a produção, a circulação e o consumo da música no contexto urbano. Straw descreve cenas como "um espaço cultural mutável e fluido, caracterizado pela construção e diferenciação de alianças e práticas

> musicais" (Straw, 1991, p. 373), isto é, um espaço que se reconfigura constante e ativamente, pois há uma relação fértil entre a música e o local em que esta acontece (Nunes; Silveira, 2015, p. 51).

Portanto, percebemos que a cena musical é uma construção que é flexível, variando de acordo com as mudanças do local na qual ela está inserida, assim com a variação das pessoas que integram o local e seus valores. Por isso, o rock gaúcho também sofreu mutações ao longo do tempo. Aqui, nesta pesquisa, manteremos como foco a construção do rock gaúcho a partir dos anos 1980 até os dias atuais. Mas, afinal, como podemos definir o rock gaúcho?

O rock gaúcho é todo rock feito no Rio Grande do Sul, porém citamos esta expressão com referência ao rock produzido no estado nos anos 1980. Segundo Nunes (2020), o conceito, delimitado entre um gênero musical e espaço geográfico, era vinculado não somente à música da época, mas também ao público, ao mercado e às disposições ideológicas.

Este "rock gaúcho" teve suas origens vinculadas ao rock brasileiro, também conhecido como BRock, assim como com a MPB[1], ambos gêneros que buscavam relatar experiências ideológicas e políticas da história pregressa e recente no País daqueles dias. Devido à centralização do mercado cultural de impacto nacional no eixo Rio/São Paulo - por representarem um grande centro econômico e possuírem a maior concentração de empresas de mídia do País -, o rock gaúcho surge como uma resposta à necessidade de artistas da música do Sul de serem vistos e de estarem também na cena musical nacional. "O rock feito no Rio Grande do Sul, especialmente no Bom Fim[2] foi uma forma de os gaúchos se inserirem na cultura nacional" (Pedroso, 2019, p. 76 *apud* Nunes, 2020, p. 33).

A minha construção como musicista

O meu grande interesse pela temática do rock gaúcho, em especial pela perspectiva das mulheres nessa cena, advém de eu ser uma mulher que desde pequena me entendi como artista e idealizadora do sonho de me tornar uma cantora "estrela do rock". Eu sempre me

[1] A Música Popular Brasileira (MPB) é um gênero musical que surgiu no Brasil na década de 1960, durante a Ditadura Militar.
[2] É um bairro nobre da cidade de Porto Alegre, criado em 7 de dezembro de 1959.

senti desafiada a expor saberes musicais que eram vistos pelos outros como os mais importantes por serem vinculados ao gênero masculino, os quais atualmente entendo terem maior ênfase no eurocentrismo musical, como exemplo, na partitura escrita.

Mesmo que eu já tivesse algumas letras e melodias prontas, foi aos 15 anos, quando comprei meu primeiro ukulele, que tive a experiência de conseguir cantar e tocar uma música ao mesmo tempo. Através deste instrumento, me senti pela primeira vez capaz de ser vista como uma cantora. O tempo passou e eu comecei a gravar *covers*[3] de músicas bastante conhecidas mundialmente para as minhas redes sociais.

Sem dúvidas este sonho de cantar e gravar *covers* foi inspirado em outras artistas mulheres que cresci admirando. Como exemplo principal de personalidade, muito além da música, coloco a cantautora[4], apresentadora de televisão e escritora paulista Rita Lee[5].

Além de Rita, outras cantoras, como Clarice Falcão[6], Pitty[7] e AnaVitória[8], me motivam para continuar a expor a minha arte de uma maneira que eu não tenha vergonha, pois todas elas me fazem entender que sempre terá alguém que poderá se identificar com a minha música e isso a torna a minha musicalidade muitíssimo mais especial para mim.

Continuei a gravar vídeos de *covers* e postar nas redes até o fim do ensino médio, quando optei por seguir meus estudos na faculdade de música.

Mesmo dentro da faculdade, me sentia desafiada frequentemente. Por vezes sou descrita como uma pessoa que "só canta", como se não tivesse estudo ou técnicas para realizar. É como se alguns conhecimentos fossem colocados como mais fundamentais que outros e, nessa hierarquização, o canto fosse tratado como inferior por supostamente "todos

---

[3] O cover ocorre quando um músico ou uma banda reproduz uma canção buscando ser fiel à sua primeira versão, ou mais conhecida, sem produzir modificações significativas na letra, melodia ou outros aspectos do arranjo em que se baseia o cover.

[4] É o termo feminino de cantautor, que se refere a um artista que escreve e interpreta as suas próprias canções. É sinônimo do termo cantora-compositora.

[5] Nascida em 1947, São Paulo. Cantou e encantou a todos até maio de 2023, ano em que faleceu em decorrência ao câncer de pulmão.

[6] Cantautora, atriz, humorista, roteirista e diretora pernambucana. Ganhou bastante destaque com o seu álbum "Monomania", que conta com hits como "De todos os loucos do mundo" e "Oitavo andar".

[7] Cantautora, produtora musical e multi-instrumentista baiana. Teve bastante destaque com o seu hit "Me Adora", lançado em 2009 através do álbum "Chiaroscuro".

[8] Dupla formada por Vitória Falcão e Ana Caetano no ano de 2014. Possuem grandes hits como "Trevo (Tu)", com participação de Tiago Iorc, e "Agora eu quero ir".

saberem cantar", não requerendo estudo e especialização para atingir uma qualificação adequada. Como cantora e professora em formação, entendo que estas são concepções que acabam por causar certo desmerecimento à profissão e que podem até mesmo produzir a desmotivação dos potenciais alunos - quer seja de canto, de outros instrumentos ou de música - para explorar o instrumento vocal.

Com base nessas problematizações, foi proposto nesta pesquisa discutir as hierarquias musicais e de gênero a partir das experiências musicais de mulheres roqueiras gaúchas.

Para investigação da temática da pesquisa, foram convidadas para participar as musicistas Dani Ela e Julia Barth.

O nome de Julia é muito conhecido na cena do rock gaúcho, pois ela faz parte da banda *Os Replicantes*, que é uma banda brasileira de punk rock formada na cidade de Porto Alegre em 1983 que possui bastante notoriedade dentro da cena do rock gaúcho. Isso ocorreu porque algumas de suas músicas, entre elas a canção intitulada "Surfista calhorda", fizeram grande sucesso na época da criação da banda. No grupo, Julia foi a primeira mulher a assumir a posição de integrante, como vocalista, e a artista mantém o canto como sua principal atividade. Julia me inspira por seu pioneirismo, como primeira mulher vocalista dentro de uma banda com grande visibilidade na cena urbana de rock gaúcho, e porque acredito que ela assume a performance rockeira de camisa, quer dizer, ela sofre grande inspiração de outras bandas de punk e rock e tem essa personalidade bem colocada diante dos palcos e mídia.

A cantora Dani Ela também faz parte de uma banda, a *Hard Blues Trio*, sendo a única mulher da formação. Além do canto, a Dani Ela assume o contrabaixo e também dá aulas de instrumento, de performance e posicionamento de palco. Reside em São Leopoldo, e eu a conheci porque ela é sobrinha do meu professor de bateria, Xandi. A Dani é uma inspiração por ser uma menina jovem que apostou na música e que - pelas informações que tenho tido sobre a dedicação dela à banda - trabalha muito na publicidade para que os shows e eventos aconteçam.

Acredito que conhecer mais dessas duas mulheres gaúchas, Julia Barth e Dani Ela, suas formações e atuações como musicistas e suas perspectivas sobre a cena do rock gaúcho

- em conjunto com uma visão feminista decolonial - possa permitir que se fomente o debate sobre uma profissão que, como eu, outras mulheres estão escolhendo para desempenhar e que historicamente tem sido protagonizada por homens cisgêneros, brancos e advindos de uma classe social economicamente privilegiada. Penso que este trabalho pode trazer questões e perspectivas feministas para mulheres que querem cantar rock e que se sentem menosprezadas ou amedrontadas pela construção machista e patriarcal (que coloca apenas uma fonte de conhecimento como certa, a eurocentrada).

Junto com uma reflexão sobre processos de empoderamento através da música fundamentada no movimento feminista, buscamos entender - após as observações e entrevistas com as cantoras - os seus processos de praticar e aprender a música e a sua visão da cena do rock gaúcho.

Um estudo de caso na cena do rock gaúcho

Esta investigação se configura em dois estudos de caso de inspiração etnográfica. De acordo com Alves-Mazzotti (2006, p. 640), o estudo de casos múltiplo acontece quando:

> Vários estudos são conduzidos simultaneamente: vários indivíduos (como, por exemplo, professores alfabetizadores bem-sucedidos), várias instituições (como por exemplo, diferentes escolas que estão desenvolvendo um mesmo projeto) (Alves-Mazzotti, 2006, p. 640 *apud* Silveira; Córdova, 2009, p. 33).

Já a etnografia é o método principal do campo da Antropologia e tem por princípio o trabalho de campo de longa duração. Como esta pesquisa tem uma relativamente breve duração, usei a expressão “inspiração etnográfica”. Ainda assim, vale relembrar que a pesquisa qualitativa e etnográfica, segundo Peirano, “depende da biografia da pesquisadora, das opções teóricas, do contexto mais amplo e das imprevisíveis situações que ocorrem no dia-a-dia da pesquisa” (Peirano, 1995 *apud* Goldenberg, 2004, p. 55).

Os meios de executar esse estudo de caso foram a observação participante, entrevistas, conversas, registros de shows e eventos e os diários de campo. A presencialidade foi enfatizada como ferramenta de compreender as questões de pesquisa, mas também foi importante visualizar as redes sociais das artistas, assim como outros dispositivos virtuais em que se puderam ver vídeos de suas performances musicais.

Observei as mulheres aqui escolhidas na pesquisa a fim de poder ver, ao longo do tempo, o que elas fazem enquanto realizam normalmente o seu conjunto diário de atividades. Junto à presença física em eventos, também foi de extrema importância ir ao encontro dos registros feitos pelas artistas nas suas redes sociais. Observar estes registros aumentou a minha familiaridade com cada entrevistada e me permitiu analisar mais de uma performance de ambas. No ambiente virtual as interpretações são percebidas de maneira diferente do que no evento presencial, dizendo muito, ainda assim, de suas práticas musicais e concepções sobre o rock.

Pelas redes sociais, principalmente do aplicativo Instagram, foram estabelecidos os primeiros contatos com as cantoras. Iniciei o diálogo me apresentando e lhes explicando sobre o meu projeto e então as convidei para participarem do estudo, enquanto representantes da cena do rock no Rio Grande do Sul. Ou seja, questionei-as sobre o interesse em se tornarem colaboradoras do projeto e se me dariam o consentimento para pesquisar sobre sua trajetória e práticas musicais.

Após ter o consentimento de ambas as artistas, passei a avaliar performances virtuais de shows gravados, assim como pude vivenciar um show ao vivo da *Hard Blues Trio.* Realizei uma entrevista semiestruturada com cada uma das musicistas participantes da pesquisa partindo de um roteiro definido após a apreciação presencial e virtual de ao menos um show de cada musicista, assim como foi baseado nas notícias e divulgações feitas por elas mesmas via Instagram e outros sites como Youtube.

Segundo Goldenberg, as entrevistas abertas caracterizam-se por produzirem respostas livres, não-limitadas por alternativas apresentadas, ou seja, o pesquisador fala ou escreve livremente sobre o tema que lhe é proposto. A análise das respostas é mais difícil. (Goldenberg, 2004, p. 86). Já a entrevista semiestruturada, Triviños explica, em geral

> Parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (Triviños, 1987, p. 146).

As entrevistas contaram com oito perguntas criadas por mim de acordo com as minhas próprias vivências na música sendo mulher, assim como pela experiência profissional dessas artistas.

Em ambas as entrevistas falamos sobre diversas questões, partindo de cinco perguntas planejadas no roteiro:

1. Como foi o processo do aprendizado musical?
2. Quais aspectos da sua formação você considera importantes para a sua atuação na cena do rock/blues?
3. Como é a sua relação com a música atualmente? É a renda principal?
4. Você se considera a liderança da sua banda/projeto?
5. Como ocorre a escolha do figurino e outras questões cênicas nos shows (vestimenta, montagem de palco, acessórios)?
6. Como mulher na cena do Rock gaúcho, você já encontrou alguma dificuldade/facilidade por ser mulher?
7. Qual a sua relação com o público nos shows e nas redes sociais?
8. Quais são as transformações que você identifica em si mesma em relação à artista no palco e a artista na vida?

Os temas acima foram abordados com relativa liberdade, em forma de diálogo, e após concluídas as entrevistas as mesmas foram transcritas. A releitura e análise das respostas levou ao destaque de ideias, excertos e palavras-chave. Optamos por apresentar duas categorias principais que englobam diferentes ideias trazidas pelas artistas: formação musical e ser mulher na música.

Resultado das entrevistas

Formação musical – palco e teoria musical

De acordo com os parâmetros de estudo predominantes nas instituições de ensino musical especializadas no Brasil, desde o período colonial, a ação de estudar através da "teoria" (leitura e escrita da notação musical no pentagrama, compreensão de conceitos ligados ao sistema musical ocidental tradicional, etc.) é sem dúvidas refletido com muita importância e atenção. Entretanto, quando estimulada a contar um pouco sobre a sua

experiência musical, Dani Ela cita as seguintes contribuições do ambiente do "palco" como uma importante ferramenta de aprendizagem:

> A música sempre esteve comigo, não necessariamente em mim. Porque no final das contas, no meu ponto de vista, o palco e a experiência que eu tenho tocando por aí afora é uma das coisas mais valiosas das quais eu aprendi e continuo aprendendo até hoje. Então, eu acho que o palco, acima do estudo musical, da teoria e tal, é uma das ferramentas mais valiosas (Dani Ela).

É perceptível notar nas falas da artista que uma das suas maiores bases para trabalhar com maior confiança foi o tempo adquirido nos palcos. Além de ser cantora, atua como contrabaixista na Hard Blues Trio e ressalta a necessidade de buscar saber mais sobre os assuntos que envolvem seu instrumento em um processo que para ela se desenvolve de uma maneira autodidata. Dani revela a importância de buscar embasamento naquilo que fazemos, por exemplo, buscando o domínio técnico de um novo instrumento musical em parâmetros "profissionais":

> E, na verdade, o contrabaixo caiu no meu colo, sendo o meu diferencial na música, no cenário hoje, tanto no rock quanto no blues, né? Então, eu me puxei também pra tocar baixo de um jeito aceitável, né? Não ficar dando migué[9] lá na frente, né? Porque se tu quer ser profissional naquilo que tu quer ser profissional, né? Tu precisa ser profissional, né? (Dani Ela).

E acrescenta alguns conteúdos ou habilidades que julga centrais para atingir esse profissionalismo enquanto baixista:

> Então, estudar, saber, conhecer quem são os outros baixistas, conhecer as técnicas, saber o que tá rolando no cenário atual, o que rolou há 100 anos atrás, né? Então, esse lance da história mais técnica, mais estudo de teoria, isso é fundamental, né? (Dani Ela).

Já a história da Julia Barth com a música e as artes em geral começou muito cedo. A artista conta a experiência de ter pais com um pensamento moderno. Por seus pais trabalharem demais, ela diz que cresceu nesse meio, que sempre ficava nas coxias dos teatros. Além deste contato direto com a arte em geral, a música foi sendo desenvolvida aos poucos,

[9] É uma expressão brasileira que significa enganar ou enrolar alguém para conseguir um benefício ou levar vantagem.

desde muito nova. É notório o envolvimento prático da cantora com os elementos artísticos e com o palco desde criança, até mesmo na banda *Os Replicantes*, da qual ela iria fazer parte anos depois.

Porém, não somente a prática dos palcos contemplava a artista. Na sua formação escolar, na educação básica, teve aulas de Música, Artes Plásticas e Teatro, como ela explica:

> Porque, assim, eu estudei no Colégio Aplicação que é um super colégio público e a gente tem artes a vida inteira. Vários períodos de artes plásticas, música e teatro. Então, já desde na escola, aquelas coisas...Nós íamos tocar flauta doce, já aprendia a ler partitura muito cedo. Enfim, tinha bons professores de música na escola (Julia Barth).

É percebido pela própria colaboradora o privilégio que ela teve em estar sempre acompanhada e ter crescido em um espaço receptivo à Arte e também de ter estudado em um colégio que a oportunizou o ensino de diferentes conteúdos relativos à Música e às outras artes. Mesmo tendo tido a oportunidade de estudar a leitura da partitura musical, a cantora revela certo receio de aprender instrumentos novos, devido à sua experiência mais inclinada à música popular.

E não somente de parâmetros estritamente sonoros que as canções são formadas. Uma das coisas mais importantes na performance musical do rock, que cativa o público, é a "personalidade". Julia comenta sobre a importância de desenvolver um jeito que te faça ser vista e ouvida como "especial", o que seria até mais valioso do que o virtuosismo musical:

> E a personalidade é o que faz você, na música pop pelo menos é a personalidade que faz… Fazer uma coisa do jeito que só tu faz é que faz você ser especial. Não adianta... Não precisa saber tocar tudo maravilhosamente bem, né? (Julia).

Com certeza aqui não queremos conceber a musicalidade como algo somente técnico e sonoro ou somente devedor à personalidade da musicista, como um jeito de fazer, de se posicionar e movimentar no palco; mas, sim, acreditamos que fazer música envolve um conjunto de fatores - sonoros, corporais e interacionais.

Ser mulher na música

Como a própria Dani Ela comentou sobre profissionalismo no seu trabalho musical anteriormente, é importante mencionar que ela reconhece a banda na qual faz parte como uma empresa. Portanto, quando questionada sobre ser liderança na banda ou sobre se sentir em uma posição em que incidem maiores olhares, comentou:

> Mas mercadologicamente é muito mais rentável e interessante, né? Me filmarem, me colocarem, até porque eu não tô me gabando, né? Mas eu olho pro meu rosto, né? Eu sou uma pessoa bonita. Então, eu sei o potencial que eu tenho e eu sei o produto que eu sou, né? No mercado hoje. Então, eu não entro em picuinha com isso e nem me sinto... "Ah, eles tão me usando..." Tá, foda-se! É melhor que eles me usem agora, enquanto eu sou nova, porque daqui a pouco eu já não vou ter mais a mesma magia, o mesmo elã que eu tenho hoje, né? Então, me use mesmo! Me bota! O que eu quero mais é fazer acontecer, botar o nome da minha banda pra frente (Dani Ela).

Embora não se sinta uma vítima e utilize intencionalmente a sua beleza de acordo com o sistema capitalista[10], ainda assim, a cantora parece refletir sobre a existência do machismo estrutural[11] de uma maneira descontente e com pouca esperança de mudanças avassaladoras para os dias atuais. Porém, também ressalta a importância do seu papel e responsabilidade como artista em relação às outras mulheres, meninas e aos homens que a acompanham.

Já Julia assume a importância feminista que é ter uma mulher no vocal da banda a qual faz parte. Quando o até então vocalista Wander Wildner decidiu sair do grupo, Julia assumiu e relatou alguns comentários que ouviu após este novo início na sua carreira:

> E aí... Bom, aí eu fiz esses shows e eles meio que já me convidaram pra ficar na banda. E como ele estava famoso no MTV, as piadas eram do tipo, o Wander ficou rico fazendo uma plástica e ficou lindo.Tá um pouco sexista, mas eu digo que pelo menos não era me chineleando ou dizendo, pra quem que tu tá dando pra estar na banda, entende? Que é o pior, o pior é isso (Julia).

É interessante perceber que a mesma justificativa de entrada e permanência de Julia na banda, além de ter uma voz destaque para cantar o gênero proposto, é o fato dela ser uma

[10] É um modelo econômico e social baseado na propriedade privada dos meios de produção, na busca pelo lucro e na liberdade de mercado.
[11] É um sistema de opressão que favorece os homens e perpetua desigualdades entre homens e mulheres.

mulher. A importância da representatividade de gênero no rock fica evidente nos seus próprios relatos:

> Mas ali, a partir de mais ou menos... 2014, 2015, a gente começou a ter relevância… Por quê? Porque precisava ter representatividade nos eventos. E aí começaram a nos chamar pra eventos, festivais… porque no rock não tinha bandas com mulheres. Então, aí que a gente começou... E foi aí também que me caiu a ficha do feminismo, que eu sempre tinha sido uma feminista, que eu cantava um monte de letra que era sexista (Julia).

Além de perceber sua responsabilidade para com as outras mulheres que viam a banda de fora, Julia passou a ter consciência das letras sexistas que cantava e sobre o que nem se dava conta anteriormente:

> Foi aí que eu me dei conta. Foi aí que começou, na verdade, o meu grande ponto de mudança em 2016. Foi bem tardio. Eu entendi o feminismo e disse… Uau, eu sou uma feminista, e eu tenho... Enfim... Como se diz? Tenho responsabilidade (Julia).

Junto com a responsabilidade percebida, ambas as cantoras entrevistadas sentem o peso de perceber a falta de representatividade feminina no meio das bandas de rock/blues.

Como já abordamos, um discurso muito utilizado ainda hoje é a famosa frase “só canta?”, quando surge uma cantora dizendo sobre seu instrumento. Isso pode ser consequência do fato de que muitas musicistas que tiveram destaque na história da música brasileira de matriz ocidental-europeia foram pianistas ou/e cantoras, remetendo a um papel social feminino na música conservador, que não demonstra transformação. Também, por a voz ser um instrumento bastante prático e de fácil acesso, pode existir certo desmerecimento com a prática de cantar, também constantemente vinculada ao processo de maternidade.

O canto está muito vinculado ao feminino, porém, sempre ao feminino mais suave e doce. E é por isso que a cena do rock é ainda mais complexa, mas não impossível, para as mulheres. Como exemplo, a cobrança da maternidade, como mencionada anteriormente, também acaba por ser um argumento para afastar as mulheres das carreiras profissionais, como cita Julia em um dos seus relatos:

> [...] Quando o Tom tinha 3 anos, a gente foi fazer - que o meu filho que se chama Tom - a gente foi fazer a terceira turnê da Europa dos Replicantes, que eu ia ficar 25 dias fora de Porto Alegre. E aí que eu senti, por exemplo,

> que até a minha mãe, que é uma mulher moderníssima, dizia: “como é que tu vai passar 20 dias na Europa e deixar teu filho?” (Julia).

A artista foi sim para a turnê, mas o sentimento de culpa a pertenceu por alguns dias.

> [..] Ninguém pergunta pro pai do Tom - o pai do Tom também tem banda, toca num monte de banda - ninguém pergunta pra ele quem é que tá com o filho dele quando ele tá fazendo show, sabe? Isso é muito chato (Julia).

A repressão por ser mulher ainda acontece, mesmo que de maneira velada. Quando retomamos o assunto da interseccionalidade, podemos refletir como uma mulher negra e mãe poderia encontrar mais dificuldades de acordo com sua renda mensal ou pela ausência de uma rede de apoio. Sem dúvidas a mesma situação poderia acontecer com uma mulher branca, mas a questão racial intensifica e muitas vezes corrobora com a discriminação de pessoas que supostamente pertencem a uma mesma classe - a de mulheres - mas que ainda assim possuem suas diferenças que acabam por proporcionar realidades completamente diferentes.

Considerações finais

O objetivo foi trazer a vivência das colaboradoras, que vem construindo um caminho muito importante para o gênero feminino na cena do rock gaúcho e que com certeza mostra um grande avanço geracional. Ainda assim, como foco importante do projeto - eu mesma por ser branca e as cantoras entrevistadas por serem mulheres brancas - tentamos relatar a importância de termos em mente a origem do rock que advém da cultura negra, assim como é preciso termos consciência de que o feminismo é uma base para todas as mulheres, como nos traz de referência a segunda e terceira onda do movimento.

Esperamos que este trabalho possa se agregar ao material feminista para que mais pessoas possam se conscientizar sobre e, ainda, para que possa auxiliar outras pesquisadoras e também certamente outros pesquisadores.

Sigamos juntas nesta luta e que nunca nos falte coragem para continuarmos. Se um dia a coragem estiver um pouco abalada - o que pode acontecer, afinal não somos e não precisamos ser fortes o tempo todo - lembrem-se destas mulheres que são inspirações para vocês e lembrem-se também que nunca estarão sós.

Referências

BARTH, Julia. Entrevista concedida presencialmente à Sandra Gali Berticelli, Porto Alegre. 18 de outubro de 2024.

Dani Ela. Entrevista concedida virtualmente à Sandra Gali Berticelli via aplicativo Google Meet. 17 de outubro de 2024.

NUNES, Caroline Govari. *“Duas notas chegam para mim, dois acordes repetidos sem fim":* A constituição musical, midiática e identitária do rock gaúcho na década de 1980. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Unisinos, São Leopoldo, 2020. 377 f. Disponível em: https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9119

NUNES, Caroline Govari; SILVEIRA, Fabrício Lopes da. Tensões identitárias nas cenas musicais de Porto Alegre. Cachorro Grande e o rock gaúcho. *Revista Cadernos da Escola de Comunicação,* Curitiba, v. 1, n. 13, p. 49-62, 2015.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2 - A pesquisa científica. *In:* GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). *Métodos de pesquisa.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva*. Introdução à pesquisa em ciências sociais:* a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.